

## Um épico da literatura social

Paulo Gadelha  
desembargador federal do TRF da 5ª  
Região

Há sessenta anos, um pernambucano chamado Josué de Castro, médico, escritor, geógrafo, sociólogo, depois, deputado federal, revolucionou o universo literário brasileiro com a publicação do livro “Geografia da fome”.

Sem dúvida, era a primeira obra abordando, literária e cientificamente, o flagelo da fome.

E Josué Castro, depois cidadão do mundo, o fez com tanta ênfase, com alentado poder de investigação, que Barbosa Lima Sobrinho, ex-governador de Pernambuco, que pertenceu à Academia Brasileira de Letras, e, foi, igualmente, presidente, por muitos anos, da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), assim saudou o lançamento de “Geografia da fome”: “O Brasil tem duas cartas de descobrimento. A primeira é a de Pero Vaz de Caminha. A segunda é “Geografia da Fome”, de Josué de Castro”.

Um livro seminal na percuciente análise de uma temática verdadeiramente explosiva: a fome.

Assim, Josué de Castro, com a paciência de um monge beneditino, garimpou as entranhas da realidade social brasileira para assinar o atestado de nossa miséria econômica e social.

Fê-lo com a consciência crítica do cientista e a sensibilidade social do homem público, do representante pernambucano e nordestino na Câmara Federal.

Na verdade, ele estuda o fenômeno da fome em duas vertentes.

A fome, como um problema de estrutura endêmica, isto é, com um desenho permanente; na outra ponta do enfoque, o caráter epidêmico do flagelo, caracterizado, por exemplo, pela escassez de alimentos quando ocorre a procissão da fome com a seca, implacável, provocando seqüelas sociais.

O livro-denúncia, com certeza, deu-lhe projeção internacional, culminando com três indicações para o Prêmio Nobel.

Duas indicações, é bom lembrar, para o Nobel da Paz; uma indicação para o Nobel de Medicina.

É verdade que não conseguiu a láurea, mas a memória da história, como um arquivo eterno, preserva a doce e terna lembrança deste combatente da fome.

Depois, o livro, lançado em 1946, gerou outra obra, em 1951, agora com a abordagem da fome no seu aspecto global: “Geopolítica da fome”.

Em ambos, o dedo cáustico na ferida social da fome.

Em “Geografia da fome”, por exemplo, a sentença que não pode ser esquecida: “Metade da população na dorme porque não tem o que comer; a outra metade não dorme com medo da que não tem o que comer”.

Ontem, como hoje, uma realidade que dói.